

# DISPERSOS DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E O TRABALHO INFANTIL NA LEITURA DE LUMBIÁ: NARRATIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Solange da Silva Souza<sup>1</sup>  
Antônio Carlos Gomes<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tomou como mote a leitura do conto “*Lumbiá*” do livro *Olhos D’água*, de autoria da escritora Conceição Evaristo, para levantar reflexões sobre o trabalho infantil e à criança negra, pondo em evidência o racismo e a segregação da raça negra na construção da sociedade brasileira. Nossa pretensão é evidenciar, no artigo, como a literatura pode revelar a ideologia de um grupo dominante e, ao mesmo tempo, que o sistema liderado por pessoas brancas condenar outro grupo a um constante assujeitamento. Com a pesquisa, acreditamos na possibilidade de a literatura não só refletir como também denunciar, recapitular as histórias de um povo e suas condições de sobrevivência para resistir aos preconceitos individuais, organizacionais e estruturais, diante de um cenário desfavorável como o da nossa sociedade contemporânea. Hoje a visibilidade e o aumento de intelectuais negros têm contribuído para uma busca de ascensão e de reparação para as desigualdades de direitos. Na construção desta reflexão recorreremos a autores como Silvio de Almeida (2021), Frantz Fanon (2008), Alfredo Bosi (2002) entre outros cuja leitura reverberou nas ideias por nós registradas. Evaristo, com *Lumbiá*, mostrou-nos que as análises e comportamentos de alguns autores do cânone literários para se referir ao povo negro, não devem ser valorizadas nem aceitas. Mas justamente ao contrário, com “narrativas realistas e corrigidas”, que possibilite reflexões sobre o racismo estrutural e a posição imposta desde recém-nascido as pessoas negras.

**Palavra chaves:** leitura; literatura; racismo; trabalho infantil e criança negra.

## 1 Considerações iniciais

A escravidão sempre existiu desde o início da humanidade. Ao longo dos séculos, nas guerras por ocupação de territórios, os povos vencidos eram levados para fazer os trabalhos forçados. Nesse contexto, impérios como Grego, Romano e Egípcio,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras/Português pelo IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória. E-mail: dasilvasouza.solange@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (1986). Mestre (2002) e doutor (2007) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor titular do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, docente permanente do Mestrado Profissional em Humanidades e do Mestrado Profissional em Letras - Profletras. Coordenador do curso de Licenciatura em Letras Português EaD. E-mail: antonio.gomes@ifes.edu.br.

serviram de inspiração para a divisão de trabalhos e foram modelos para a estruturação das camadas sociais. O aspecto religioso também contribuiu para a existência desses arranjos na sociedade, já que, erroneamente, a religião cristã interpretava a pigmentação da pele escura como proveniente dos descendentes de Caim, amaldiçoados por Deus com uma mancha, pelo assassinato do irmão Abel (conforme relatado na Bíblia em Gênesis: 4:15), considerando que aqueles de pele não clara seriam uma espécie rebaixada. Embasados nessas teorias, Portugal, no século XV e XVII, delineou o mercado de trabalho onerado pelo escravismo, com a expansão marítima mercantilista, o negro africano e o índio, tornaram-se peças fundamentais no desenvolvimento de suas colônias, no processo de exploração.

Com a ascensão da burguesia, houve investimentos dela em filosofia, ciência, literatura e biologia para sustentar um padrão genético de raça, no qual o corpo do negro passou a ser estudado com intuito de confirmar a supremacia branca em relação a tais etnias. Dessa maneira, o negro foi considerado, em terras desconhecidas, uma mercadoria essencial para os anseios financeiros do branco. Por isso, no Brasil colônia, com a catequização e abandono da mão de obra dos trabalhadores indígenas, potencializou-se ainda mais o tráfico negreiro, visando a um grande comércio de lucros.

Além disso, a força de trabalho do negro foi tão expressiva que, na organização, as tarefas eram determinadas pela aparência e destreza, de modo que as funções, as quais foram submetidos, variavam bastante, ou seja, eram serviços domésticos, mineração, lavouras de cana-de-açúcar, extração de madeiras, plantio de café, alvenaria, transporte de cargas e passageiros, oficinas artesanais e manufaturas, barbearias e comércios de mercearias e vendedores ambulantes, etc. A ganância, o desejo pela produtividade e a brutalidade do europeu propiciaram que tais ocupações fossem acompanhadas de crueldades, castigos e mortes dos servos.

Assim, durante anos e anos, os trabalhos pesados e serviços desumanos sempre foram executadas por africanos ou afro-brasileiros. Mesmo após a criação de leis (Lei do Ventre Livre, Lei Áurea, etc.) que tinham o objetivo de contrapor à escravidão, as práticas escravagistas perduraram em forma de subjugamentos das pessoas pretas e descendentes de negros. De certa forma, o ciclo de exploração apontava para um racismo estrutural que permeia todas as camadas da nossa sociedade até hoje. Assim, o histórico de segregação racial motivou a elaboração

deste trabalho, cujo objetivo é discutir a relação *entre trabalho infantil e a criança negra*, tendo como base o conto “Lumbiá” do livro *Olhos D’ água*, de Conceição Evaristo.

O conto “Lumbiá” narra a história de um garoto preto, pobre morador da periferia que trabalha como vendedor de rua. Ele, personagem principal, é uma criança que tem compromissos com o trabalho, por necessidade de sobrevivência, porque ajuda a prover as despesas da sua família. Entendemos que, com essa luta permanente, Lumbiá não desfruta de uma infância como a de outras crianças economicamente mais abastadas, se é que se pode dizer que ele tem infância, naturalmente é obrigado a conviver em uma condição “que não pediu a Deus”, muito desfavorável.

A autora Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946, e migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Conceição é linguista e escritora cujas obras possuem temas como discriminação de raça, gênero, classe e resistência. A escolha de Evaristo se deveu, entre outras razões, ao fato de ela se destacar no cenário nacional, mesmo sendo uma mulher negra, vinda de família pobre, Evaristo, é um talento imensurável, que sofreu e sofre diretamente, as práticas de processo sistêmico de discriminação, que também a colocar em desvantagens, exposto com a sua candidatura a academia de letras, mesmo com formação, recordes de livros vendidos e prêmios de literatura. Esses poderosos grupos, liderados por pessoas brancas, negam sua inteligência e sua capacidade profissional. E com base na própria vivência, elabora seus textos a partir de narrativas de linhagens africanas, utilizando dados e informações passados por sua parentela. Evaristo buscar narrar seus personagens, sem total isenção de relacionar a vida dos negros a ficção, se igualando ao real, criando neologismo com a palavra *escrevivência*, revelando uma das características de seu estilo literário, evitando que a sua história fosse mal contada sob a “pena” de uma casta branca. Evaristo, tem uma atuação valiosa de luta e resistência, como demonstra Eduardo de Assis Duarte (2021)

[...] a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo do consumo; e, por outro, a instituição de mecanismos como a lei 10.639/2003 ou as ações afirmativas, vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente (DUARTE, 2021, p. 1).

Nessa perspectiva, Evaristo, denuncia e debate o menosprezo à dignidade humana,

devido a fatores socioeconômicos e raciais. Assim, como reagir a essas opressões para se ter uma nova escrita? Tais registros da autora, possibilitam-nos fazer uma reflexão de como a injustiça é imposta desde a infância em nosso corpo social. E, com base no dito popular: “que toda criança que começa a trabalhar cedo será um adulto bem sucedido”, muitos exploram a mão de obra infantil. Temos dúvida se tal asserção seria, de fato, verídica no mundo real de todos na nossa sociedade. Será que há possibilidade de mudança de destinos escritos por uma tradição histórica cruel apenas por meio do trabalho?

Diante desse questionamento, este artigo também busca, com base na leitura do conto, refletir sobre o negro a partir da literatura, mas principalmente, por qual motivo o trabalho de uma criança negra é aceito pela sociedade brasileira, mesmo sendo crime, associando sua condição ao seu papel na história, falando de classes sociais, política e economia com apontamentos que dialogam com os argumentos expostos no artigo.

A nossa expectativa é conseguir demonstrar, por meio de uma análise e reflexão além do isento deste artigo, que é possível refletir, avaliar, comparar, criticar, compreendendo que a partir de obras literárias se pode ir além das palavras para inferir e compreender os pensamentos a respeito do mundo e a nós mesmos, a fim de, se necessário, mudar de posição perante a realidade, nos processos de transformação social. Nesse sentido, na próxima sessão faremos algumas reflexões sobre o trabalho infantil e o negro e suas condições de vida ao longo da história. Nas demais seções que seguem discorreremos sobre o negro na literatura e depois nos debruçaremos sobre uma escrita de resistência, com base no conto “Lumbiá”, destacando o povo negro na sociedade e sobre a exclusão direitos.

## **2 Raça, racismo... O que Lumbiá (não) mostra?**

De onde viemos? Querer saber como surgiram os seres vivos, a terra, o universo passou a ser curiosidade em algum momento da história; assim também ocorreu com a noção de raça; cujo conceito a princípio, de forma muito vaga, servia apenas para dissociar grupos de humanos e de animais. Etimologicamente, raça veio do italiano *razza*, originalmente do latim *ratio*, que significa categoria, espécie. Nas ciências naturais, Zoologia e Botânica, a expressão é utilizada para classificar,

animais e vegetais. Os antropólogos e os naturalistas procuravam incluir o homem com critérios de classificação, análogos aos da espécie de animais usado por Darwin ao se referir a espécie biológica no processo evolutivo. No entanto, não houve pretensão de modificar o uso da palavra raça, para se dirigir ao negro, “raça negra”, sendo empregada, propositalmente, para classificá-lo como animal. Essa categorização, usada com humanos e animais, vai se consolidando com o colonialismo e imperialismo dos europeus, que se preocupavam em manter a hierarquia sobre territórios e povos dominados, para eles “populações inferiores” sobre as quais autorizavam, a escravidão, o direito de vida e morte, e até mesmo genocídios, como aconteceu no Apartheid, Massacre de Soweto, e Partilha da África.

Vale apontar que no Brasil, o sociólogo, Gilberto Freire (2006), foi propagador do racismo, afirmando a hegemonia do homem branco europeu, retransmitido em seu livro *Casa-grande e Senzala* (2006), que descreve a formação das famílias na sociedade brasileira sob o regime patriarcal, nos argumentos desse autor, o europeu é o arquétipo de homem universal, se comparado com as outras etnias: asiáticos, africanos, judeus, e nativos, considerados por ele como selvagens, sem inteligência. Freire sempre defendeu a casa-grande “sede representante” de Portugal, com seu monopólio comercial e monarquias autoritárias, servindo como articuladora e mantenedora de um determinismo racial. Cumpri salientar que Freire, que sempre teve como visão do lado de homem branco e sem capacidade de imaginação para formular novas ideias, de forma lastimável romantizou miscigenação e o racismo, empurrando-o para debaixo do tapete, amenizando as atrocidades contra negros e índios, cogitando que tais relações foram benéficas para formação da sociedade brasileira e tudo ocorreu na “sublime paz”, transfigurando os negros em sua escrita, de animal rude, bruto, porém fáceis de domar, legitimando a defesa do português, o que não condiz, os povos oprimidos lutaram e lutam contra esses sistemas de opressões racista, vejamos

Ao negro escravo se obrigou aos trabalhos mais imundos, na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. Um deles, o de carregar à cabeça, das casas para as praias, os barris de excremento. Vulgarmente conhecidos como tigres. As vezes largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funções, essas e várias outras, quase tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma **passividade animal**. (FREIRE, 2006, p.550-**Grifo Nosso**).

Já, na segunda, temos a seguinte exposição:

A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um don-juan não vem do **contágio** ou do sangue da “**raça inferior**” mas do sistema econômico e social da nossa formação[...] (FREIRE,2006, p.403- **Grifo Nosso**)

Esse apogeu do racismo foi “dissipado” à medida que o saber científico alcançava estudos com maior rigor, por meio de vestígios de vidas passadas juntamente com recursos tecnológicos. Nina Rodrigues (1957), médico legista, estudou corpos e crânios de negros e mestiços, com a função de divergir a constituição mental, da raça negra, ao máximo grau possível. Porém, após anos de trabalho, concluiu que, não existe “raças humanas”; ele menciona um tratamento diferenciado contra esses indivíduos em função da cor de pele, relatado, em seu livro, *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil* (1957), daí que deriva o racismo.

Almeida (2021) fala de três tipos de racismo. O racismo individual parte de um posicionamento do sujeito, porque ele dispõe de uma análise histórica rasa e desconhece os impactos da escravidão. Geralmente esses sujeitos, desinformados, ficam navegando em discursos inconsequentes de fundo moral e religioso. Seu elo de conscientização parte da consideração de que, todos somos humanos filhos Deus, eu tenho amigos negros, temos que amar e respeitar o próximo. Tais falas, na prática, não condizem com seus atos de rejeição e separação, ou seja, o racismo fica velado e escondido, contudo, quando se manifesta é com bastante agressividade. Constatamos isso nesse trecho do conto “Tinha feito várias tentativas de entrar no Casarão, o vigilante vinha e o enxotava”. (EVARISTO,2018, p.85)

Quando a personagem é impedida pela segurança da loja de entrar e olhar a decoração de Natal, por ser negro e vendedor de balas. A atitude do funcionário, deixa claro seu racismo individual, associado a questões do consumo, normas e instruções do estabelecimento. O racismo institucional, segundo o estudioso, é mais sólido, articulado e representativo. Ele é constatado quando há

[...] normas e padrões que orientarão a ação dos indivíduos. Em outras palavras, é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que, suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vistas de suas decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências (ALMEIDA, 2021, p. 39)

Nessa concepção a instituição é que forja no indivíduo o racismo que passa a ser

identificado quando existe

[...] o domínio de homens brancos em instituições públicas - o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc.- e instituições privadas, por exemplo, diretoria de empresas - depende, em primeiro lugar, da existência de regras que direta ou indiretamente dificultam a ascensão de negros [...] (ALMEIDA, 2021, p. 40)

Essas constatações evidenciam e afirmam os preconceitos que são impostos, muitas vezes, sem nossa percepção. Ele é implantando na mente, em ações corriqueiras, naturalizando, o odioso tratamento com os negros. Outro fator, a ser pautado, é que o Estado se organiza por meio de políticas gerais e econômicas e nesse contexto é o capital que determina a administração pública, que por sua vez em sua conveniência, não disponibiliza ou redistribui os acessos e os direitos a qualquer pessoa. Como bem o diz Achille Mbembe (2017), a partir de suas noções sobre Bio-necropolítica, o intelectual camaronês, aponta, a vida (a Bios), como raças humanas superiores de um povo sobre outro, regimes escravagistas, com novas facetas de missões civilizadoras modernizadas, executadas pelo estado, e seus mecanismo de poder como espinha dorsal de um colonialismo inacabado, disseminado através de uma farsa de mito de democracia racial

o poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre vida e morte, como se a vida não fosse o médium da morte. Procura sempre abolir a distinção entre os meios e os fins. Daí a sua indiferença aos sinais objetivos de crueldade. Aos seus olhos, o crime é parte fundamental da revelação, e a morte de seus inimigos, em princípio não possui qualquer simbolismo. Este tipo de morte nada tem de trágico e, por isso, o poder necropolítico pode multiplicá-lo infinitamente, quer em pequenas doses (o mundo celular e molecular), quer por surtos espasmódicos – a estratégia dos pequenos massacres do dia-a-dia, segundo uma implacável lógica de separação, de estrangulamento de vivissecção, como se pode ver em todos os teatros contemporâneos do terror e do contraterror. (MBEMBE, 2017, p. 65).

Ou seja, a gestão pública atua, não para atender as necessidades da massa, mas conforme a satisfação e interesses de uma elite branca que controla a população, utilizando essas organizações valendo-se de uma submissão a princípios éticos e morais estabelecidos. Diante disso, mesmo que Lumbiá fosse farto de dinheiro, ele seria proibido de ver a decoração de Natal, devido a sua tonalidade de pele, pois as instituições, sejam públicas ou privadas, manipulam o comportamento, o sentimento e a preferência humana, mencionado por Evaristo no conto, “A televisão e um jornal tinham falado sobre o presépio, que tinha sido feito por um grande artista”. (EVARISTO, 2018, p.85), em nome da superioridade da classe hegemônica branca,

vejamos mais

**Toda cidade comentava a beleza e semelhança do presépio com a cena da bíblica que narra o nascimento de Jesus. Lumbiá atento ouvia todos os comentários,** e aguardava a oportunidade de visitar a Belém instalada no interior da loja o Casarão Iluminado. Havia, entretanto, um problema. Estava proibido a entrada de crianças sozinhas e para ele era quase impossível esperar pelo dia em sua mãe pudesse leva-ló, acompanha-lo até lá. (EVARISTO, 2018, p.84-**Grifos Nosso**).

E, por fim, o racismo estrutural que é a junção dos dois anteriores, impregnado em uma sociedade racista, movida por fatores ideológicos que condicionam seu funcionamento. Este racismo é normalizado no corpo social, são os mesmos descritos por Fanon (2008), em seu livro, *Pele negra: máscaras brancas* (2008), Psiquiatra, escritor e filósofo, dedicou sua vida cuidando da saúde mental dos negros, de sua subjetividade, mas principalmente pela descolonização da África e do povo negro. Sendo referência para sociedade contemporânea, o escritor menciona que

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram como inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara determinaram desprezando as raças de peles escuras e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendiam impor. (FANON, 2008, p. 110)

Como reflexo desse racismo, a desigualdade atinge em maior proporção os afrodescendentes, pela falta de perspectivas de melhorias, pelo descaso dos governantes, e devido à ausência do negro em cargos públicos ou funções elitizadas, como médicos, engenheiros, advogados, juízes, etc.

O racismo estrutural contribui para a denegação sintomática, baixa autoestima, e não aceitação da tonalidade de sua epiderme. Temos assim, racismo pessoal aderido do próprio sujeito negro, que é transferido para filhos, familiares, atingindo todas as esferas sociais. Toda essa reprodução, segundo, Almeida (2021), indica que

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo o racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que acontece “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado para tradição (ALMEIDA, 2021, p. 50).

No século XX o Brasil rural caminhou lentamente para urbanização e no século XXI



veio a modernidade de uma sociedade tecnológica. Isso serviu para escancarar ainda mais a defasagem de bens sociais, a concentração de pessoas negras à margem da sociedade, em condições insalubres e vivendo nas áreas de extrema miséria, vendo seus direitos de cidadão serem lesionados, exibindo um Brasil atrasado que fez reformas em sua constituição, porém ainda oferecem migalhas para as populações negras, vítimas de longas décadas de sofrimentos e danos. Por mais que se percebesse alguma reorganização da sociedade, com passar dos anos, o racismo se manteve enraizado nas esferas econômicas, sociais, políticas, mantido por um grupo conservador que busca preservar seus privilégios e não perder o controle nem o poder.

A “abolição” do negro foi algo marcante no contexto no Brasil, porém a ideia de mente escravocrata ainda perdura. E, nesse cenário, a discriminação sobrevive disfarçada, uma vez que, agora o racismo é considerado ato ilegal, mas longe de ser plenamente alcançado pela lei.

### **3. Algumas falas sobre o negro na literatura**

A literatura pode ser considerada uma das fontes que documenta bem o tratamento da sociedade brasileira para com o negro. Um bom exemplo é o conto “Negrinha” (2000), de Monteiro Lobato, que descreve dona Inácia, fazendeira que, num falso gesto caridade, adotava garotinhas negras, para aproveitá-las em trabalhos caseiros. Nessa obra, as escolhas dos adjetivos usados para se referir ao povo negro, faz-nos entender a sua opinião e a do grupo social ao qual tinha apreço. Suas obras, geralmente traz os negros caracterizados como personagens secundários e expostos em atividades socialmente desprivilegiadas, como serviçais, preguiçosos, mexeriqueiros, ignorantes, salteadores, hereges, e sem conduta, de modo que a imagem transmitida é negativa desumana, vejamos isso a com a personagem Negrinha, uma órfã de sete anos, tal autor diz:

Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão [...] Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisco, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam [...] O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo (LOBATO, 2000, p. 10-11).

Lobato possui uma grande quantidade de referências racistas e de submissão, outro

modelo, que podemos relacionar são as personagens, Dona Inácia do conto “Negrinha”(2000) e Benta do livro *Reinações de Narizinho* (2016), brancas, letradas, rebuscadas, gentis, ricas, virtuosas, detentoras de conhecimentos.

Já Negrinha e Tia Nastácia, negras, analfabetas, intrusas, medrosas, uma garotinha bobinha, oprimida, com uma cabeça boa somente para dá socos, a outra cozinheira que serve para contar histórias populares e fazer graças, ambas descritas como pessoas que têm ausência de um cognitivo elevado. Monteiro Lobato, na escola literária, é identificado como pré-modernista e considerado referência na literatura infantil brasileira; no entanto, utiliza com frequência um discurso do dominador sobre o dominado, transparecendo a sua vivência e seu ponto de vista de filho de família de latifundiários ricos.

Também escritor infantil, igual a Lobato, temos Olavo Bilac, em seu “conto Mãe Maria” (2017), uma escrava velha, que após anos de dedicação cuidando de crianças brancas, foi enterrada como indigente, ficando somente nas recordações do senhorzinho Amâncio

Fechando os olhos, para mais claramente evocar a memória dos dias da minha infância, vejo logo, nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha mãe Maria. Tão velha! ... Quando nasci, já o seu cabelo encarapinhado embranquecia. Ainda viveu comigo uns treze anos. E nunca ninguém me soube dizer onde morreu, e onde foi dormir o último sono o seu corpo de velha escrava, alquebrado por quase um século de cativo e de trabalho.

(Disponível em:<http://www.bloconline.com.br>>//.Acessado em 05.Jun.2023)

Do mesmo autor temos o conto, “A borboleta negra” (2017), que narra o abandono de um bebê negro, e uma extrema acusação da atitude de covardia da mãe negra

[...]não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela? — É verdade, minha filha! — diz a mãe. — Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! Fizeram bem! O pão da nossa pobreza há de chegar para mais um filho.

(Disponível em:<http://www.bloconline.com.br>>//.Acessado em 05.Jun.2023)

Na verdade, mães negras, eram obrigadas a zelar dos filhos de seus senhores, enquanto, os seus eram arrancados em fase de amamentação para atender as demandas do comércio, problemática tratada por Jorge de Lima (1975), citando que, “forneces anjos para o Senhor Jesus” e “braços para o senhor burguês” (LIMA,1975,

p.49), abordado em seu belo poema, *Mulher proletária*.

Bilac era de um conservadorismo exagerado, vinculado a educação militar que teve, de um estilo objetivo, sem sentimentalismo, tinha mais grado com estrutura das formas trabalhadas na linguagem, ignorou as lutas abolicionistas, sendo indiferente as questões sociais em suas escritas, que ao seu ponto de vista devia ser resolvido pela polícia, um grande engano do escritor.

Outro exemplo é o autor Aluísio Azevedo, no romance, *O mulato* (2010), apresenta o personagem, Manuelzinho - um mucamo da casa-grande. O livro, embora tenha sido escrito no período pós-abolicionismo, deixa evidente o hábito de os intelectuais descrever os negros com as mesmas projeções escravagistas de antes da abolição, como se confirma em

[...] Chegara havia coisa de seis meses da sua aldeia no Porto; dizia chama-se Manuelzinho e tinha sempre os olhos vermelhos de chorar à noite, com saudades da mãe e da terra. Por ser, o mais novo na casa, varria o armazém, limpava as balanças e burnia os pesos de latão.

(AZEVEDO, 2010, p. 20)

[...] - que estava fazendo, seu **traste**?

- Nada - respondeu a criança, a tremer. Fora a senhora que o chamara...!

Dias com um murro, explicou que o maroto não podia pôr-se de palestra na varanda, em vez de cuidar das obrigações.

(AZEVEDO, 2010, p. 24 - **Grifo Nosso**).

Em *Memórias de um sargento de milícias* (1984) temos a mulata Vidinha, empregada da ucharia real, além de atender os serviços sexuais de seu dono, sustentado com o caráter de mulher promíscua, que facilmente cede as aventuras amorosas do aventureiro Leonardo.

Dentro do pátio da urcharia morava uma toma-largura em companhia de uma moça que lhe cuidava na casa; a moça era bonita, e o toma-largura um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem via nas mãos de tal possuidor. O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, então era tão sincero esse sentimento que não pode deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objeto dele. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o toma-largura. (ANTONIO, 1984, p.172)

No romance, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, filha de uma escrava com seu senhor, desde pequena criada na casa-grande, a escrava Rosa tem desgosto de sua negrura. Apta em fazer maldades, ambiciosa e faz de tudo conseguir o sonho de ser tratada igual uma mulher branca

[...] — E o que mais merece aquela impostora? — murmurou a invejosa e malévola Rosa. — Pensa que por estar servindo na sala é melhor do que as outras, e não faz caso de ninguém. Deu agora em namorar os moços brancos, e como o pai diz que há de forrar ela, pensa que é uma grande senhora. Pobre do senhor Miguel!... não tem onde cair morto, e há de ter para forrar a filha! — Que má língua é esta Rosa! — murmurou enfadada a velha crioula, relanceando um olhar de repreensão sobre a mulata.

(A Escrava Isaura.p.26. Disponível em <http://www.livrogratis.com.br>).  
Acessado em: 12 Jun.2023).

As breves referências desses escritores demonstram a dificuldade ao longo da história de os autores tratarem o negro de forma diferenciada, até os que se diziam ser contra escravatura, mostraram-se influenciados pela formação acadêmica, social e cultural, ao repetir posturas que revelam os preconceitos e comportamentos elitistas da sociedade. Temos a vivência de homens, que foi ensinado desde crianças, valores de uma hierarquia racial branca, nas posições de privilégios, sobre gênero, sexual e classe. Por questões lógicas, das bagagens de suas origens. Contrariamente a isso, se quisessem, poderiam criar um desfecho diferente, desconstruindo o negro como controlado, colocando-o como quem ultrapassa lugares e limites condicionados pelos brancos, encadeando debates dos contrastes com uma visão que o conduzisse a uma nova realidade, colocando fim nessas retóricas tradicionais, conforme o fez Lima Barreto, também escrito pré-modernistas, assim como Lobato, porém com repúdio e indignação referente a defesa higienista do autor de “*Negrinha*”. Barreto, foi criador de ilustres obras, dentre elas, o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1974), que relata a redistribuição agrária incorreta, concentrada nas mãos de uma minoria branca, favorecendo para aparecimento de subúrbios negros e desarranjos de espaços geográficos, sendo marcas presentes da escravatura, aos padrões de alienação do pré-modernismo caótico no Brasil. Sempre atento as fases de reorganização do campo intelectual na disputa literária e das formas do discurso, se manteve firme em seu alvo de atingir uma escrita sincera, não deixava faltar em suas criações a consciência dos verdadeiros problemas brasileiros, como a defesa feminina (na época, o direito a educação e voto), reformas de leis (posse e uso da terra), com severas críticas a tirania da República, dizia que, “O Estado é contra o indivíduo”(BARRETO, 2014, p.91),pode-se dizer neste caso, com os negros que é a maioria no país. Relatando seus traumas emocionais, transportados em seus personagens negros ou mulatos.

Barreto, assim como Evaristo não teve agremiação oficial e reconhecimento como homem das letras pela academia. Deixando evidente, ser uma organização de membros desalinhados com afinidades e tentativas trazer acontecimentos em torno da mecânica de interesses da ordem social do capital do Brasil-Colônia, despreocupados com uma literatura com propostas realmente inovadoras, ficando notável a discriminação ocupacional pelo academicismo no intuito de coíbe escritores negros.

Massaud Moíses (2007), crítico literário, defende as obras literárias como fontes inesgotáveis de aprendizagem do que é oculto. Ele dá a entender que a função da literatura é mostrar o “mundo de possibilidades” que favorecem a construção dos sentidos da obra, sua mensagem, e o reconhecimento dos elementos da realidade, provocativos ao crescimento de um bom leitor, crítico e analítico.

Com base nessas breves alusões ao negro na literatura e ao papel da obra literária apontado por Moisés, em seu livro, *A análise literária* (2007), pode-se dizer, que o conto “Lumbiá”, do livro *Olhos D’água*, traz uma visão diferente. Ele é o moderno interagindo harmoniosamente com as percepções históricas, de modo que fantasia e realidade se misturam em um grande engenho de imaginação, sonhos, esperanças, e criatividade, que é a mente da criança e a do artista. O conto, para muitos, tido como triste e chocante, é marcado por inquietações, interrogações, respeito às memórias e experiências das ancestralidades negras, que não foram passivos, mas, eclodiram rebeliões, sob o fardo de viver a vontade do homem branco.

A abordagem da literatura pode proporcionar experiências com a linguagem, exploração de possibilidades expressivas de visibilidade a pautas étnico-raciais dos descendentes africanos escravizados, todavia o maior desafio é servir para promover a educação contra o racismo. A liberdade de percorrer o desvendamento da literatura, possibilita traçar um novo protagonismo para o negro, temática também exposta, por Domício Proença Filho (2004), em seu artigo, *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004), que descreve a coisificação do negro, os estereótipos negativos nos cânones literários e a ruptura desse determinismo. A favor de uma literatura sem cor, toda via, com a presença de escritores assumidos negros, considerando que, “a literatura produzida pelos negros é *literatura negra* e como tal deve ser tratada, em função dessa especificidade e das circunstâncias sócio-históricas em que é produzida”[...] (PROENÇA,2004, p.187), delineando uma nova

perspectiva sobre o negro, para o contexto presente e para às próximas gerações. A intenção de Evaristo, é expor as lutas travadas e as condições sub-humanas dos negros, contra uma estrutura do governo, que se arrastar ao longo da trajetória percorrida pelos negros, suas anulações, como amostra dos níveis de racismo existentes no Brasil. Como nos apontou Silvio Almeida (2021), classificando-os em três concepções: individual, institucional e estrutural, cujas concepções estão relacionadas com a subjetividade, o Estado e a economia.

#### **4. Lumbiá dentro de uma escrita de resistência**

O conto “Lumbiá”, escrito com base na estética subjetiva de Evaristo, resulta em uma escrita pautada na condição dos meios de sobrevivência, constatados no personagem principal. Nele podemos localizar a presença de temas recorrentes nas obras da autora. A narrativa começa apresentando o personagem Lumbiá, suas preferências de mercadorias, as estratégias de vendas e, sobretudo, sua aflição de voltar para casa sem ter vendido nada, e de saber que poderia receber uma coça de sua mãe. Suas responsabilidades, conflitos e seus desafios são assimilar a guerra declarada e estabelecida a sua cor negra e seus efeitos equivalentes. E, como em uma viagem ao tempo, vamos adentrar na história, falando das concepções de raça e racismo e trazendo várias referências para o diálogo, de modo a permitir entender a forma de vida, ou seja, como era definido o lugar e a existência da população negra, desde o nascimento. Isso, a fim de percebermos a coerência entre o texto ficcional e a realidade vivida por muitos desses pequenos.

Assim ela começa o conto:

Lumbiá trocou rapidamente a lata de amendoim pela caixa de chicletes com a irmã Beba. Fazia um bom tempo que estava andando para lá e para cá, e não havia conseguido vender nada. Quem sabe teria mais sorte se oferecesse chicletes? E se não desse certo também, procuraria o colega Gunga. Juntos poderiam vender flores. A mãe não gostava daquela espécie de mercadoria. Dizia que flor enalhada era prejuízo certo. Sempre amanheciam murchas. Amendoim e chicletes não. Lumbiá gostava da florida mercadoria em seus braços. Tinha até um estilo próprio de venda. Ficava observando os casais. O momento propício para empurrar o produto era quando o casal partia para o beijo na boca. Ele assistia as bocas descolarem para oferecer a flor. Às vezes o casal se desgarrava, mas na mesma hora, sem respirar, o par se fundia de novo. Lumbiá ficava por perto olhando de soslaio para a mulher. E quando notava que ela estava toda mole e o homem derretido, o menino se punha quase entre os dois, com a flor em riste, impondo a mercadoria. [...]. Às vezes, o menino usava outro ardil para impulsionar a venda. Chegava elogiando a mulher, dizia que ela era linda e que os dois iam ser muito felizes. (EVARISTO,2018, p.87).

Como podemos perceber, o texto objeto das nossas reflexões é construído com uma narrativa que envolve o universo infantil, seu ciclo de amizades, na rotina diária de um vendedor mirim. É nas ruas que esse inocente vivencia e assimila as exorbitâncias da humanidade, desde relacionamentos pessoais, brincadeiras, façanhas e sofrimentos.

Na semana anterior, Gunga, Beba, Beta e outros já haviam feito algumas tentativas vãs. Enquanto isso, o tempo corria. Lumbiá já tinha visto todos os presépios das redondezas. Em cada um seu coração batia descompassadamente quando fitava o Deus-menino. Tinha feito várias tentativas de entrar no **Casarão**, o vigilante vinha e o enxotava. O menino não desistia, ficava rondando de longe, adivinhando a beleza de tudo, do outro lado da calçada. Era um entra-e-sai intenso. A televisão e um jornal tinham falado sobre o presépio, que tinha sido feito por um grande artista. (EVARISTO, 2016, p.91-**Grifo Nosso**).

Por meio do personagem principal e de outras crianças, o conto mostra a realidade dos que nascem desprovidos de tudo, revelando os enfrentamentos no comércio e sua perseguição à cor, às diferenças financeiras dos seus lares e às indiferenças a essa condição. Podemos notar associação da palavra casarão e loja, enfatizado conscientemente, pela autora, uma vez que, as casas-grandes são símbolos desses espaços de retaliações e comércio que visam o lucro, com dimensões ainda permanente.

Só havia uma coisa de que o menino gostava no Natal. Um único signo: o presépio com a imagem de Deus-menino. Todos os anos, desde pequeno, em suas andanças pela cidade com a mãe e mais tarde sozinho, buscava de loja em loja, de igreja em igreja, a cena natalina. **Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua.** Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o pai. A casinha simples e a caminha de palha do Deus-menino, pobre; só faltava ser negro como ele. Lumbiá ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o Deus-menino. (EVARISTO, 2018, p.89 - **Grifo Nosso**).

Notamos que parece haver um feixe de esperança comum a todos, que surge durante a magia do Natal e seu indagador sentido para a maioria dos menores. Essa chama pode ser notada, principalmente, ao ver o presépio do Menino Jesus, quando Lumbiá admira o bebê que, como ele, era humilde, estava perto de animais, cheio de presentes e bajulado pelos reis magos. Algo inusitado é que aquela criança na manjedoura, sem intervenção dos homens, já era nomeada Rei. Só faltava, o neném ser negro semelhante a ele, e o rei Baltasar parecido com seu tio. Se assim o fosse, tudo seria perfeito, contudo, existe o gosto pela pobreza, deixando claro, o paradoxo e a ironia, ao lado do conflito, entre ser rico (infeliz) e pobre (feliz), já que, a felicidade

de pode ser relativa. Para Lumbiá, ter amigos, família e uma boa relação com as pessoas proporcionava alegrias imensuráveis, que ajudavam superar os problemas e a falta de dinheiro.

Precisava chegar até lá. Como? Já tinha feito várias tentativas, sendo sempre expulso pelo segurança. Ia arriscar novamente. Em dado momento aproximou-se **devagar**. Ninguém na porta. Mordeu os lábios, pisou leve e, **apressado**, entrou.

Lá estava o Deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão. Lumbiá olhava. De braços abertos, o Deus-menino pedia por ele. **Erê queria sair dali**. Estava nu, **sentia frio**. Lumbiá **tocou** na **imagem**, à sua **semelhança**. Deus-menino, Deus-menino! **Tomou-a** rapidamente em seus braços. **Chorava e ria**. Era seu. Saiu da loja levando o **Deus-menino**. O segurança **voltou**. Tentou agarrar Lumbiá.

O menino escorregou ágil, pulando na rua. **O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados!** Deus-menino, **Lumbiá morreu!** (EVARISTO, 2018, p.91 - **Grifo Nosso**).

Evaristo tem um estilo versátil, a escritora reconhece a necessidade de inovar a forma, percebemos essa defesa com escolhas de palavras precisas, acrescentado um sentido mais coloquial, como, por exemplo, “pivete” empregada para se referir à criança que rouba ou em situação de rua, associada sempre a criança negra. Ao mesmo tempo entrelaça o diálogo com o tradicional, usando figuras de linguagem, como: antítese (chorava, ria / devagar, apressado), metáforas (Deus-menino), paronomásia (amassados, massacrados, quebrados) e personificação (sentia frio). Acrescido de ambiguidade (Criança!, Erê, Jesus menino.), nesse caso quem Lumbiá, Erê ou Jesus?

O conto vem acompanhado de um “nacionalismo a ancestralidade”, exaltado pela presença de Erê, orixá de religião de matrizes africanas, que se manifesta como uma entidade criança com intensa vontade de brincar. Quando aponta, Criança! Erê, Jesus Menino. Acontece conexão entre corpo e alma, da cultura cristã ocidental Deus-menino e afro-brasileira (Erê). Apontado por Proença (2004)

O resgate dos mitos, a proximidade cultural com a África, mas sem distorções nostálgicas, e com outros países em que a discriminação existe, o tempo escravo repensado, as revoltas, a situação do negro e de seus descendentes na construção socioeconômica do país e sua marcada participação nos tempos heróicos da formação da nacionalidade, as contribuições lingüísticas colocadas em evidência na nossa língua portuguesa do Brasil, podem, entre outros traços, contribuir, através da transfiguração na literatura, para o melhor conhecimento e o redimensionamento da presença do negro na sociedade brasileira. São verdades e valores capazes de se opor vigorosamente aos estereótipos e preconceitos ainda vigentes no comportamento de muitos brasileiros.



Outro fator relevante merecendo um olhar sensível do leitor; principalmente quando cita: “O Rei negro, aquele que parecia com o tio de Lumbiá, caminha sozinho um pouco atrás, mas com passos de quem tinha a certeza de que iria chegar”. (EVARISTO,2018, p.84), retornando à memória que, negros tiveram grandes reinados em seus países de origem (continente africano), composto por exércitos valentes e ágeis, com crenças politeístas e monarquias complacentes com o bem-estar de seu do povo. E por mais que o homem branco negue sua soberania e a capacidade dos racializados e desvalorize a sua cultura, o negro tem participação importante nos anais da civilização; em quase tudo tem sua mão e seu cérebro.

O doloroso final de Lumbiá não é amenizado com eufemismo, transparecendo uma linguagem seca, em clara oposição dos desvios que dão a morte e agressões de crianças negras, especialmente devido aos seus altos números, se comparado as de crianças e adolescentes brancos. Uma carnificina, que é negligenciado pelo Estado, que se omitir em resolver de fato, tais acontecimentos.

O sentimento funéreo é mediante a repulsa, ao encerramento de uma vida por motivo tão banal. Retratando problemas já delineados no passado, revelando tensões, revoltas e críticas da vida, particularmente, as vidas de meninos e meninas negras que, na realidade do Brasil, têm por destino a sina ou hábito de começarem a trabalhar cedo, sendo pessoas segregadas a ponto de não dispor de formação que lhes garanta condições de lutar por igualdade e salários que lhes deem qualidade de sobrevivência. Isso, englobando todas as famílias de negros, que são excluídas por causa do contexto histórico e dos arranjos decorrentes da formação da sociedade brasileira.

A partir da leitura do conto, podemos entender que Conceição Evaristo nos expõe esse modo de ser para funcionar como discurso de resistência, sobrepujando a dureza e a dor do cotidiano. Por mais que os negros não usufruam dos bens sociais e vivam na pobreza, a relevância e potencialidade do seu mundo são exaltados por Evaristo como um fio de esperança, possibilitando encontrar valores que motivam-na relatar a vida social deles, fazendo com que eles, entrem no panorama da literatura, de forma privilegiada pelas letras, seja, nos contos, poemas, prosas e romances. Citado por Evaristo (2005), em *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de*

*nascimento da minha escrita*, incentivos vindos dos ensinamentos e lembranças de sua mãe, tias, vizinhas, mulheres negras, semi-letradas, mas que viam a escrita como auto-afirmação da identidade cultural negra condizente as suas particularidades e pertencimento desse material-humano

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO,2005, p.2)

Mediante à ausência de preconceito nas crianças Evaristo busca ampliar a reflexão e posicionamento crítico sobre a história dos afro-brasileiros, o pequeno Lumbiá, apesar do contexto de pobreza vivido, com sua pureza, vê o menino Jesus igual a ele, almejando um tratamento igualitário, justamente no Natal, sendo uma data de reinício, de novas possibilidades e realização dos sonhos, mas, principalmente, pelo fato de todos desejarem bem ao próximo.

Todavia, a realidade parece que é sempre mais cruel do que os sonhos, no entanto, para Evaristo, “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2005, p.2).

Observamos, com a leitura do conto, certa necessidade de respostas a crueldade sofrida e reduplicada aos descendentes negros, assim como mãe de Evaristo que usava desenhos para se comunicar e expor seus sentimentos, Lumbiá com suas atitudes de (ousadia, persistência e coragem), “o menino não desistia” (Evaristo,2018, p.91) demonstra, que mostra que os negros também são capazes, que podem querer uma vida melhor, que não deve ser subserviente, nem ser conformado com o que lhe é imposto desde cedo. Essas lições do conto coadunam com a fala de Alfredo Bosi, crítico literário, ao conceituar a legítima finalidade da criação literária, como instrumento de resistência a toda forma autoritária de poder imposta na sociedade, não se restringindo ao tempo e ao espaço, quando ele diz que

[...] A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha. [...] Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático. E aqui são os valores mais autênticos e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional (BOSI, 2002, p.135).

Mediante esse mundo paralelo escondido do racismo, Evaristo, busca ampliar a reflexão e o posicionamento crítico sobre a história dos afro-brasileiros, não apagando suas origens africanas, como forma de luta, resistência e transformação, além disso exalta a honestidade, o trabalho como marcas que sobrevivem na criança negra.

## **5 O trabalho infantil: a criança negra e a exclusão de direitos**

O trabalho infantil é proibido, para menores de quatorze anos, salvo na condição de menor aprendiz, conforme a (CLT- Consolidação das Leis Trabalhistas-Da Proteção do Trabalhador Menor Lei10.097, de 19.12.2000), porém, torna-se “trabalhadores invisíveis” e aceitos quando executado por crianças ou adolescentes negros. Além do mais, o trabalho infantil é heterogêneo e multifuncional, ou seja, ela se assenta em cidades, em atividades de lavadores carros, flanelinhas, vendedores ambulantes, transporte de compras ou coisas, babás, domésticas, malabaristas em sinais de trânsito etc. E zonas rurais, atuando em: carvoaria, mineração, pulverização de lavouras, extração e corte de madeiras, estábulos entre outros. Ambos com interface com a exploração sexual e ao contato de substâncias químicas (drogas, agrotóxicos e inseticidas), que pode desencadear diversos problemas de saúde, as vezes irreversíveis. Acompanhados de sobrevivência atrelada a serviços insalubres, como descrito no conto, Lumbiá trabalhando doente exposto a chuva, “Fazia frio, muito frio, era um dia chuvoso. Tinha a roupa colada sobre o frágil corpo a tremer de febre”. (EVARISTO, 2018, p.85), perigosos, de baixa remuneração, vítimas de traumas psicológicos, e ao extremo de alguns casos de crianças morarem com os patrões, por causa de dívidas dos pais ou não terem o que comer em suas casas.

No conto “Lumbiá” podemos também evidenciar, o retrato de algumas famílias brasileiras, aquelas que formam uma maioria – são negras e pobres, em que crianças trabalham desde cedo para ajudar nas despesas financeiras.

As instituições formadas por homens brancos passaram a ser uma ferramenta eficaz de controle e poder sobre os dominados, de modo que as massas e outras etnias

sejam disfarçadamente manipuladas. Elas legitimam, modificam e administram tudo que interfere na vida das pessoas, para postergar os problemas em suas essências, sem fazer melhorias que amenizem as mazelas da escravidão impostas à comunidade negra.

Assim, o direito à infância ganha *status* de regra de exceção e uma interpretação equivocada, estabelecendo um rótulo para identidade e comportamento das crianças, adolescentes e jovens negros, que serão marcados como mão-de-obra ou criminosos negros, e não como cidadãos dignos de seus direitos. Usam-se, com frequência, ditos populares como: “trabalhar educa”, “é melhor trabalhar do que roubar”, “o trabalho disciplina”, “trabalhar para não ser vagabundo” etc.

No conto, Evaristo, deixa claro a integridade de Lumbiá, “ retorna para casa com bom resultado de venda), ou ainda, pelo dinheiro, fruto de seu trabalho, que tinha sido tomado por um menino maior...” (Evaristo,2018, p.83.) E a parti desses enquadramentos e alienação as organizações públicas ou privadas, furtam a infância das crianças pobres e negras para o trabalho, e tais discursos de criminalidade prontos somente se encaixam para esses. Ao contrário da criança branca, que tem sua imagem associada ao direito de estudar, brincar, como promessas de preparação para o futuro no qual será responsável por tomar grandes decisões e produzir feitos para o progresso da nação. E, os detentores do poder, apropriando-se da ideia de obviamente falsa, conseguem a empatia social.

Nessa perspectiva, os danos provocados por essas violações são inúmeros, tais como: pouco destaque social dentre todos os pertencentes desses grupos, falta de preparo para competir em uma carreira profissional, condenação à pobreza extrema. O analfabetismo político a que estão submetidos cria um círculo vicioso – não estuda porque precisa de trabalhar e o trabalho impede os estudos, a necessidade obriga-os a trabalhar desde cedo dentro e fora do seio da família. Como destaca Fatima Pereira Alberto (2011),

[...] o trabalho infantil doméstico contribui para a defasagem escolar e para os baixos níveis de escolaridade no momento em que submetem aqueles que o exercem a longas jornadas de trabalho, as atividades concretas e repetitivas, e monótonas, e roubam o tempo do ócio necessário ao seu desenvolvimento. A relação e de influência mútua culminando quase sempre em exclusão escolar, social e não permite acesso ao capital cultural (ALBERTO, 2011, p. 299).

De acordo com a autora, há implicações do trabalho infantil no processo de escolarização, sendo a relação entre trabalho doméstico e processo de

escolarização de influência mútua. Um destaque, também trazido pela pesquisadora é que a grande parte das pessoas prejudicadas na escola em função do trabalho infantil doméstico são do sexo feminino, no passado havia essa exigência de senhores de escravos, que preferiam meninas e jovens mulheres nos afazeres do lar, para também abusarem delas sexualmente, e utilizarem-nas para procriação, servindo de manutenção para o tráfico de pessoas. Por isso, a presença de Beba não pode passar despercebido, “Lumbiá trocou rapidamente a lata de amendoim pela caixa de chicletes com a irmã Beba”. (EVARISTO,2018, p.87), pois a mulher negra sempre esteve de frente de todos os tipos de opressões impostas, estruturalmente com o machismo e racismo, foram arrancadas de seus familiares, espancadas, estupradas, e outras mortas. E, a fomentação da “lenda da mulher negra” mansa, domesticada, “máquina de sexo” e sensual atribuída a elas de modo equivocado, pelos europeus. Tendo como justificativa, o fato de terem “poucas mulheres brancas na colônia” e não tiveram “escolhas”, por isso o relacionamento com as negras. E, tudo isso, “ vantajoso no quesito da miscigenação formando um povo mais branco”. Assim sobre esta ótica turva, Léila Gonzalez (1979) aponta

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar, etc.. Já o termo “mulata” implica na forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos nacionais burgueses. (GONZALEZ, 1979 p.16)

Esse tipo de exploração sexual da mulher negra articula-se a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo, e no quanto, além do lucro[...] (GONZALEZ, 1979 p.16)

Essa representatividade da mulher negra como lasciva, também foi mantida por Jorge Amado (1979), em seu romance, *O País do carnaval*, quando seu personagem Paulo, cria um poema, para publicar em uma revista, “Poema da mulata desconhecida” (AMADO,1979, p. 29) com os seguintes versos

Eu canto a mulata dos freges  
De São Sebastião do Rio de Janeiro...  
[...] É entre as suas coxas sadias  
que repousa o futuro da Pátria.  
Daí sairá uma raça forte,  
triste,  
burra,  
Indomável,

mas profundamente grande,  
porque é grandemente natural,  
toda sua sensualidade.  
[...] Nunca deixes de abrir as coxas o instinto insatisfeito  
dos poeta pobres  
e dos estudantes vagabundos[...] (AMADO,1912,p.29)

Admitido uma imagem distorcida de carnaval (festa popular) associada ao turismo sexual, nacional e internacional, em áreas empobrecidas, como forma de exploração, apropriação e controle do corpo da mulher negra. Além disso, o trabalho infantil vem agregado da modalidade informal, de forma que, mesmo recebendo ou arrecadando algum valor por dia, não tem as garantias de um emprego de carteira assinada. O trabalho infantil, e sua relação com o negro, não implica ou reflete somente ao trabalho, mas nos altos índices de encarceramentos, assassinatos (feminicídios), mortalidades, exposição ao assédio sexual, prostituição, consumo de entorpecentes, entre outros. Como nos mostrar angustia do pequeno Lumbiá, “em meio às verdades-mentiras que tinha inventado, Lumbiá ia se descobrindo triste, tão triste, profundamente magoado, atormentado em seu peito-coração de menino”. (EVARISTO,2018, p.83), sua melancolia diante do agir humano, em que sua personalidade e existência é desdenhada e por mais que, Lumbiá não aceitasse essas condições de vida, seu corpo físico, sente as dores da rejeição, retomamos a Fanon (2008), descreveu que

A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal. (FANON, 2008, p. 109)

E nesse aspecto, a dinâmica criada e naturalizada na nossa sociedade tem contribuído para as grandes lacunas existentes, criadas pela discrepância na distribuição das riquezas existentes no Brasil. Nas narrativas produzidas e disseminadas para se manter o controle, os afrodescendentes ficam expostos a todo tipo de vulnerabilidade, sendo “culpados” pelos próprios fracassos pessoais e tratados como delinquentes. Dessa forma, o menino Lumbiá e todos os elevados números de dados estatísticos sobre o vivido por crianças negras na sociedade brasileira ainda podem ser vistos como consequências da escravidão, que também atingiu e atinge todos da sua família, destruindo sonhos e direitos à dignidade humana.

## 6 Considerações finais

O objetivo desse artigo foi, a partir da literatura e com base na leitura do conto “Lumbiá” de Conceição Evaristo, refletir sobre a raça negra destacando sua representatividade, e entender como o trabalho de uma criança preta pode repercutir na mente das pessoas pondo em evidência a história e condição marginalizada da raça negra. Também procuramos apresentar a escrita de alguns autores personagens pretos contrastando com a abordagem da autora de Lumbiá. Pudemos entender que a participação de Evaristo é de suma importância, uma vez que suas produções capturam as memórias do povo negro, levando em consideração as particularidades de suas vivências como mulher preta e o racismo dentro das instituições brasileiras, atingindo nossos hábitos diários.

Na pesquisa também observamos que a escrita de Evaristo procura fazer uma correção dos modelos tradicionais trazendo personagens que se arriscam, tentam experimentar o novo, ultrapassando os limites que lhe são impostos, mesmo diante das injustiças e das farsas que os cercam. Vale ressaltar que Evaristo só conseguiu se destacar como escritora aos setenta anos de idade, até agora, não tem seu nome como integrante da academia, atribuído somente a Machado de Assis como escrito negro, especialmente pelo fato de ser um dos fundadores e mesmo assim, insistem em publicar em algumas obras a imagem de seu rosto em preto branco e até cinza, com o absurdo de desconsidera sua cor negra. Também inferimos que Conceição traz uma nova arquitetura para o horizonte da educação nacional, que precisa enxergar o “mundo negro” e proporcionar ao público de estudantes, docentes e famílias as dimensões da história e cultura afro-brasileira, implicando na transmutação, contra as conjunturas do estado como: os métodos, administração burocrática, qualidade e os estigmas do ensino.

O conto “Lumbiá”, mostrou similaridade com a rotina de muitas crianças negras trabalhadoras do país. Ele permitiu-nos analisar as características racistas em suas bases históricas e sociais, até chegarmos aos autores e suas escritas. Um menino negro e vendedor com a estranheza e repúdio desse “mundo falso” e sem justiça, nos ofereceu um espírito crítico e questionador. Com isso entendemos que quando enfrentamos a realidade e não fugimos do problema, transformamos ele em momento de reflexão, como possibilidades de crescimento, por isso, o livro *Olhos*

*D'água*, recebeu o Prémio Jabuti (2015) na categoria Contos e Crônicas, devido seu inegável legado de obra-prima. A leitura do conto pode representar ganhos não só para os “apaixonados por literatura”, mas para quem deseja um trabalho entre professores e alunos, em função do caminho de amadurecimento que a escrita de Evaristo nos proporciona, sem nos privar de emoções, dores, alegria, sonhos, amores e descobertas da vida, com as raízes africanas e o enaltecimento de sua civilização. A ancestralidade que é ignorada aos “velhos moldes de subordinação” foi posta em pauta, fazendo-nos raciocinar, querer, escolher e criticar ações para que nosso corpo não venha permanecer a vida inteira doente, preso às feridas, e marcas do passado. E isso, encaixa-se perfeitamente com um ensino sem “máscaras brancas”, como menciona, Fanon.

Compreendemos, por fim, que o Brasil vive momentos de busca de maior equidade social. Hoje, boa parte da nossa sociedade faz questão de não esquecer ações do passado que reverberam no presente, contudo, o foco é a busca por um futuro onde certos erros sejam reparados. Temos, como conquista recente a implementação da Lei 10639/03, que torna obrigatória a inclusão do estudo da História da África e cultura Afro-brasileira no currículos das escolas de ensino fundamental e médio (pública e privada), temos também, o dia 20 de Novembro no calendário escolar, como “Dia da Consciência Negra”, juntamente com 13 de Maio, quando não se comemora a morte de Zumbi de Palmares, mas a resistência de um militante e dos discriminados, e a repressão desses atos ,conquistada pelo *Movimento Negro*, que gradativamente vê a extensão de onde quer chegar, igualzinho o rei mago parecido com o tio de Lumbiá. Temos o reparo equilibrista, significativo, o sistema de cotas, criou oportunidade para a estudantes pobres, negros e indígenas, cursarem o ensino superior e se formarem em: medicina, direito, engenharia e licenciaturas, profissões consideradas elitizadas. Apesar de ser muito resumido, mediante ao que é ignorado. E, assim, a leitura do conto levou-nos a outras leituras, muitas vezes negadas em outros registros da literatura.



## Referências

ALBERTO, Fátima Pereira. **O trabalho doméstico e o processo de escolarização**. 2011. Disponível em: [https:// www. Scielo.br //](https://www.scielo.br/)>. Acessado em: 24. ago.2021.

**ANAIS do II Congresso Nacional de Ensino Aprendizagem de Línguas, Linguística e Literaturas e III Jornada de Letras do IFSP**. Avaré, setembro de 2020/ organização geral de Jean Carlos da Silva Roveri. – Avaré, 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo, Editora Jandaíra,2021.

AMADO, Jorge. **O país do carnaval**.36ª edi. Rio de Janeiro, Record,1979.

ASSIS, Eduardo de Duarte. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponível em: [http :< //www.letras.ufmg.br](http://www.letras.ufmg.br)>. Acessado em 23. Agot.2021.

ANTONIO, Manuel de Almeida. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo, Moderna,1984.

AZEVEDO, Alúcio. **O mulato**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

BARRETO,Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo, Brasiliense,1974.

BILAC,Olavo. **Mãe Maria**. Disponível em:[http:< //www.bloconline.com.br](http://www.bloconline.com.br)> //.Acessado em 05.Jun.2023

BILAC,Olavo. **A borboleta negra**. Disponível em: [http;< //www.bloconline.com.br](http://www.bloconline.com.br)> // Acessado em 05.Jun.2023

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

BUARQUE, Heloísa de Hollanda. **O Feminismo em Heloísa Buarque de Holanda**. Disponível em: [http: < //WWW.periodicos.ufmd.br](http://WWW.periodicos.ufmd.br)> Acessado em 23 ago. 2021

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Disponível em: [http:< //revistazcultural.pacc.ufrj](http://revistazcultural.pacc.ufrj) //> Acessado em :26 Mai.2023

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Olhos D'água**. 2.ed. Rio de Janeiro, Pallas Mini, 2018.

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Disponível em: < //http: [www.letras.ufmg.br](http://www.letras.ufmg.br) //>. Acessado em: 06 ago. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra: máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA,2008.

FATIMA,Lima. **Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>>Acessado em 18 mai.2023

FLORESTAN, Fernandes. **E a teoria da revolução burguesa no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br> //>. Acessado em:26 ago. 2021.

GONZALEZ.Léila. **Cultura, Etnicidade e Trabalho:Efeitos Linguísticos e Políticos da Exploração da Mulher**. Disponível em: <http://www.coletivomariasbaserna.files.wordpress.com>// >. Acessado em: 28Mai.2023

GUIMARAES,Bernado. **A Escrava Isaura**. Disponível em <http://www.livrogratis.com.br>//>. Acessado em: 12 jun.2023

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

LIMA, Jorge de. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir,1975.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. Disponível em: <http://www.passeiweb.com>>//. Acessado em: 07 ago. 2021.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**; ilustração Guazzelli; apresentação Ruth Rocha .3. ed -São Paulo: Globinho, 2016.

MATOS, Miguel. **Migalhas de Lima Barreto**- 1ºed.São Paulo, Migalhas, 2014.

MOISÉS, Maussad. **A análise literária**. São Paulo, Cultrix , 2007.

RODRIGUES, Nina. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. Salvador: Progresso,1957.

SANTOS, Elisiane. **Trabalho infantil nas ruas, pobreza e discriminação**: crianças invisíveis nos faróis da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>>//. Acessado em: 22. Agot.2021.

SOUZA, Jessé. **A tolice da Inteligência brasileira**: ou como o país se deixar manipular pela elite. 2.ed.-Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SOUZA, R. A. S. de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. In: **Revista brasileira de história da ciência**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br> //>. Acessado em:13. Agot.2022.

PROENÇA,Domício Filho. **A trajetória do negro na literatura**. Disponível em: <http://www.researchgate.net>// >. Acessado em 22.mai.2023.

**O contrato de aprendizagem e as regras de proteção ao menor**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br>//>. Acessado em 01.mai.2022.

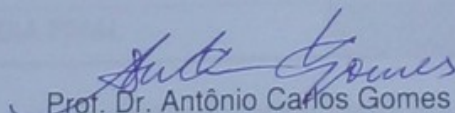
SOLANGE DA SILVA SOUZA

**DISPERSOS DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E O TRABALHO INFANTIL  
NA LEITURA DE LUMBIÁ, NARRATIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

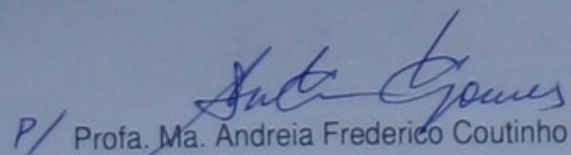
Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Português.

Aprovado em 02 de maio de 2023

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes  
IFES  
Orientador

P/   
Profa. Dra. Fabícia Bittencourt Pazinato Vago  
IFES  
Membro Interno

P/   
Profa. Ma. Andreia Frederico Coutinho  
Doutoranda UFJF  
Membro Externo